

Zona Sul começa a deixar metrô de lado

Hudson Pontes

Concessionária explica problemas, promete melhorias, mas moradores da região evitam o sistema

Daniel Brunet

daniel.brunet@oglobo.com.br

• Quando anunciou, no início de 2008, as construções da Linha 1A, que uniu as linhas 1 e 2, e de duas estações (Cidade Nova e Uruguai, na Tijuca) e a aquisição de novos carros, o Metrô Rio divulgou que esperava dobrar o número de 550 mil usuários por dia. A inauguração do trajeto, previsto inicialmente para o primeiro semestre deste ano, aconteceu em dezembro do ano passado, dando início aos problemas. O que mais tem incomodado é a superlotação nas composições.

Apesar das explicações e das promessas de melhoria feitas pela concessionária Metrô Rio, moradores da Zona Sul, como a artista plástica Christinna Costa, de Botafogo, e o advogado Carlos Monjardim, de Ipanema, preferiram não esperar e deram adeus ao metrô.

— O metrô já foi o orgulho



■ CHRISTINNA reclama da lotação na Estação Botafogo

do carioca — dá o tom a artista plástica.

Christinna passou por uma cirurgia no final de dezembro. Em janeiro, após a inauguração da Linha 1A, ela foi de metrô a uma consulta médica, em Ipanema.

— Quando entrei na Estação Botafogo, vi um monte de gente, não era o normal. Fiquei com medo de esbarrarem nos meus pontos. Era tanta gente dentro do vagão que eu não conseguia sair. Um homem,



Hudson Pontes/06-01-2010

■ MORADOR de Ipanema, Monjardim voltou a usar o carro

que tinha acabado de descer do vagão, viu que eu estava com dificuldades, pegou no meu braço e me deu um puxão. Fiquei apavorada com tanta confusão — conta Christinna.

A moradora de Botafogo ainda andou outras duas vezes de metrô, até desistir de usar o meio de transporte.

— Nessas duas vezes, ajudei a socorrer duas senhoras. Elas passaram mal com a lotação. Eu tenho carro,

mas, se podia ir a algum lugar de metrô, eu ia. Agora, porém, só ando de táxi. Além disso, hoje é raro encontrar um metrô com ar — reclama a artista plástica.

O presidente do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), o advogado e empresário Carlos Monjardim, morador de Ipanema, é outro que deixou o metrô. Ele usava o transporte de massa para chegar ao trabalho, no Centro.

— Usei o metrô até a pri-

“O Metrô já foi o orgulho do carioca. Quando entrei na estação Botafogo, vi um monte de gente, não era o normal”

CHRISTINNA COSTA

Artista plástica e moradora de Botafogo

Ana Branco



■ PARA MARCUS Esquenazi, que posa em frente à Estação Largo do Machado, o metrô ficou perigoso

meira semana depois da inauguração da Estação General Osório. Mas voltei a tirar o carro da garagem. Num sexta-feira do mês passado, tentei ir ao Teatro Carlos Gomes, na Praça Tiradentes. Eram 16h, e o metrô estava impraticável. Tinha gente por todos os lados. O serviço caiu muito — lamenta Carlos Monjardim.

“Usei o metrô até a primeira semana depois da inauguração da estação General Osório. Mas voltei a tirar o carro da garagem”

CARLOS MONJARDIM

Advogado e morador de Ipanema

Superlotação prejudica saúde dos passageiros

• A superlotação foi prevista pelo engenheiro Fernando Mac Dowell, especialista em transportes e ex-diretor da Companhia do Metropolitano do Rio. Em janeiro de 2008, ele fez um estudo alertando sobre as consequências que a Linha 1A traria ao sistema. Com base numa pesquisa sobre os limites fisiológicos do homem, feita pelo instituto suíço Batelle, Mac Dowell reforça que, com quatro passageiros por metro quadrado dentro do trem, o tempo máximo de permanência do usuário, sem que sua saúde seja afetada, não deve ser superior a 20 minutos. Com seis passageiros por metro quadrado, o tempo não pode ultrapassar dois minutos.

Segundo a assessoria do Metrô, nos horários de pico, a média de ocupação dos carros é de 5,8 passageiros por metro quadro, chegando a 7,2, em casos excepcionais.

— As pessoas já estão desmaiando. É um estresse — acrescenta Mac Dowell.

O engenheiro prevê ainda uma mudança no perfil do usuário do metrô, à medida em que as pessoas com melhores condições financeiras deixarem de usar o sistema metroviário.

— O metrô sempre carregou mais pessoas, por causa do conforto. E isso está acabando. O perfil vai mudar completamente — diz ele.

Segundo o Metrô Rio, a chegada de novos trens, prevista para 2011, vai amenizar os problemas, principalmente a deficiência no ar-condicionado. Para evitar tumulto e acidentes nas plataformas e nos trens, a concessionária tem feito controle de acesso às estações e interrompe a venda de bilhetes quando há demanda excessiva.

O empresário e diretor da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Marcus Esquenazi, de 60 anos, também deixou de usar o metrô. Marcus, que mora no Flamengo e tem uma loja em Ipanema, sofreu um infarto há dois anos e teme por sua saúde.

— Eu usava bastante o metrô para chegar a Ipanema, onde minha mãe mora. Tenho uma loja lá e muitos amigos. Vivi em Ipanema por 50 anos. Mas agora vou de táxi, frescão ou ônibus com ar-condicionado. Meus amigos de Ipanema evitam o metrô. Da última vez que usei, os vagões estavam entupidos, comecei a me sentir mal e tive que sair às pressas. O metrô ficou muito perigoso — afirma Esquenazi.

O GLOBO NA INTERNET

▶ Você também deixou de usar o metrô? conte em oglobo.com.br/bairros



■ OS PROBLEMAS, como a superlotação, começaram assim que a Linha 1A foi inaugurada, em dezembro de 2009

Problemas podem afetar saúde física e mental, diz médica

• A doutora em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Rio (UERJ), Kátia Telles, reforça que a concentração de pessoas e a deficiente circulação de ar podem afetar a saúde mental e física das pessoas.

— Tem a questão dos pacientes alérgicos. Resfriados e doenças infectoparasitárias são passados de pessoa a pessoa com

maior facilidade. No verão, tem a conjuntivite — ressalta a médica.

Kátia Telles chama atenção ainda para a perda de qualidade de vida:

— Depois de um dia de trabalho, a pessoa ainda tem que passar por isso, pegar um metrô lotado, sem ar. Isso compromete a qualidade de vida.